



Programa de Assessoria à Pastoral (Pp)

“Misericórdia Quero”

**Oséias fala para a América Latina
dos Pobres**

Roberto E. Zwetsch

MOSAICOS DA BÍBLIA

APRESENTAÇÃO

A teologia, principalmente a teologia bíblica, tem a ver com as questões cruciais da vida e do nosso tempo. Não sendo assim, ela se torna palavra supérflua, descartável.

Apresentamos aqui um estudo sobre o profeta Oséias que é de grande atualidade. Procuramos indagar o que a sua mensagem, tão antiga, teria a nos dizer hoje, neste fim de século e numa situação difícil, marcada por desesperança e violência. Sinceramente, ficamos surpreendidos e atingidos pela acuidade e pertinência da palavra profética. Que o leitor atento confira e tire suas próprias conclusões.

Este texto foi inicialmente escrito para um curso sobre “História e Raízes da Inculturação”, dirigido por Paulo Suess, do Departamento de Missiologia da Faculdade de Teologia N.S. de Assunção (São Paulo). Aqui publicamos uma versão resumida do original.

“Mosaicos da Bíblia” reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento do Programa de Assessoria à Pastoral.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), o Programa de Assessoria à Pastoral e o CEDI.

Edição e Revisão: Milton Schwantes

Paulo Roberto Garcia

Jane Falconi F. Vaz

Digitação: Márcia Marisa Veloso

Editoração eletrônica/capa: Maria Cristina Ricardo

São Paulo - Fevereiro de 1992

“MISERICÓRDIA QUERO”

Oséias fala para a América Latina dos pobres

Roberto E. Zwetsch

“A compreensão dos outros é um ideal contraditório: ela exige que mudemos sem mudar, que nos tornemos outros sem deixar de ser nós mesmos.”

Octávio Paz

Introdução

Hoje, na América Latina, há um intenso debate em torno do tema da cultura, das etnias e da inculturação. Foi a propósito destas questões que durante o curso se abordou a temática tomando o exemplo das relações entre javismo e baalismo como aparecem no livro do profeta Oséias.

Este texto procura perseguir este tema em Oséias, elucidando o problema da idolatria vinculado ao tema da violência.

Há um pressuposto em nossa leitura. Trata-se da crítica da religião. Entendemos que a crítica de Oséias à religião de seu tempo nos coloca em boa companhia para tentarmos discutir a nossa situação e as alternativas que temos pela frente. Se este texto for um auxílio para a releitura bíblica que se faz hoje entre nós, ele terá cumprido o seu propósito.

1. Oséias e a América Latina: a crítica da religião

Que relação pode haver entre este distante profeta de Israel, do século VIII a.C., casado com uma prostituta, e a nossa sofrida e pobre América Latina? Mais do que imaginamos, à primeira vista.

Colonizado por diferentes povos europeus, transformado em fonte de matérias-primas, objeto de expansão “da fé e do Império”, este continente viveu uma história de invasão, de lutas de resistência, de um verdadeiro holocausto humano e arrasamento cultural, que nos cabe refletir com ousadia.

O cristianismo aqui chegou visceralmente unido a esta história marcada por enormes sacrifícios. Se hoje já encontramos uma nova perspectiva de vivência da fé, mais comprometida com as vítimas da história da colonização, e solidária com os anseios e as lutas dos oprimidos pelo neocolonialismo das transnacionais sob hegemonia norte-americana, isto nem de longe nos redime dos pecados históricos que as Igrejas Cristãs precisam confessar com senso de saudável e necessária autocrítica.

Nesta perspectiva, a releitura bíblica nos ajuda muito. Sobretudo, a releitura da literatura profética, já que os profetas de Israel tinham uma posição crítica frente à religião. E, coerentemente, combatiam a idolatria e o desconhecimento da palavra de Javé. Mas há, também, um outro significado na sua mensagem: com a condenação vem também uma mensagem de esperança. Aqui vamos perseguir este tema no livro do profeta Oséias.

Como todo profeta hebreu autêntico, ele investe contra a opressão do pobre, do povo camponês, contra a completa desorganização da vida que deságua na apostasia de Javé, o Libertador de Israel.

“Ouvi a palavra do Senhor, israelitas, pois o Senhor vai abrir um processo contra os habitantes do país, porque não há fidelidade nem amor, nem conhecimento de Deus no país. Aumentam as maldições, as mentiras, os assassinatos, roubos e adultérios; os derramamentos de sangue se sucedem.” (4,1-2)

Esta descrição sumária dá uma idéia da situação verdadeiramente insustentável que vigorava em Israel. A vida não valia mais nada. Milton Schwantes afirma que a denúncia social constitui uma das chaves de leitura dos capítulos 4 a 11 de Oséias. Sua crítica focaliza de modo especial a questão da violência (4,2).

Ora, o que há de mais atual na América Latina do que o crescente aumento da violência? Tanto a violência explícita do crime organizado, como a violência institucionalizada pelo poder do Estado (repressão, baixos salários, desemprego, inversão de prioridades sociais, etc.). Quer dizer, dos tempos bíblicos para cá a violência não só cresceu como também se sofisticou, se modernizou, para usar uma palavra tão cara a certos governantes de hoje. Interessa-nos em Oséias estudar as raízes teológicas dessa violência.

Em Oséias e outros profetas uma das palavras-chave neste assunto é **prostituição**. Para Miquéias, Samaria, a capital do reino do Norte, se constituía num antro de idolatria, portanto, de prostituição. Oséias pensa da mesma maneira:

“O Senhor disse a Oséias: ‘Vai tomar para ti mulher e filhos da prostituição, porque o país se prostituiu constantemente, afastando-se do Senhor’ (1,2).

O povo se prostituiu, adorando outros deuses, caiu em idolatria. Por que? Quem são os responsáveis desta apostasia? Quem serão estes “deuses”? Que esperança resta para os pobres que sofrem sob a violência? O que significa, concreta e historicamente, idolatria?

É o que tentaremos responder neste estudo. Antes, porém, vale a pena remontar à crítica da religião. Marx, num texto de 1844, dizia que a “crítica da religião é a premissa de toda a crítica”. Ele considerava que, na Alemanha de então, no essencial, esta crítica já estava feita, o que é perfeitamente discutível.

Nós entendemos que, na América Latina, a situação é mais complicada e recém se dão os primeiros passos em direção à crítica da religião. Uma crítica que considere o cristianismo oficial como também as religiões populares, a formação sócio-cultural dos povos latino-americanos, suas diferentes cosmovisões, e o significado destas no cotidiano das maiorias empobrecidas e excluídas dos processos sociais como um todo.

Oséias certamente tem algo a nos dizer nesta empreitada. Porque sua crítica coloca o dedo na ferida, mas também aponta um caminho:

“Volta, Israel, ao Senhor teu Deus... Eu curarei as suas apostasias (diz Javé); eu os amarei generosamente, pois minha cólera afastou-se dele” (14,2-5).

É a busca por tais “palavras que curam” que encetamos aqui.

2. O livro de Oséias

2.1. O texto

Oséias atuou no reino do Norte. É o único profeta literário contemporâneo de Amós. Atuou entre os anos de 750 e 722 a.C. Sua profecia prevê a destruição do reino do Norte. Milton Schwantes afirma que ele deve ter atuado até um pouco antes do ano de 722 a.C., seguramente antes da destruição de Israel e da deportação de boa parte de sua população para a Babilônia. O livro, porém, foi concluído no Sul, por um grupo de discípulos de Oséias. Isso, pode-se perceber por acréscimos como os encontrados em 1,7 e 4,15, por exemplo, onde as referências ao reino do Sul são bem evidentes.

O livro divide-se em três partes:

Capítulos 1 a 3: casamento de Oséias, que termina em esperança,

Capítulos 4 a 11: processo contra Israel, que também termina em esperança,

Capítulos 12 a 14: êxodo e ameaça seguida de esperança.

A nota mais instigante em Oséias é esta tensão entre ameaça e esperança. O julgamento virá, sim. Porém, a última palavra de Javé não será de destruição, mas de misericórdia. Não é por acaso que Oséias é conhecido como o evangelista do Antigo Testamento, especialmente devido ao amor e ternura com que Javé trata o seu povo.

Há muitos problemas de ordem textual, mas ao que parece o essencial do texto está bem estabelecido. O livro, portanto, foi redigido para animar, abrir o futuro e fazer sonhar utopias. São os redatores judaístas que deram esta tônica ao texto. Gostam de Davi, de liturgias, mas são profundamente antimilitaristas, como o próprio profeta (1,5; 14,4).

O texto apresenta unidades menores, tipo panfletos como nos seguintes exemplos: 1,2-9; 4,1-3; 5,1-7; 5,8-7,16 (6,6 como núcleo central do texto); 14,2-9 etc.

Os panfletos ou unidades menores são unidades de sentido onde vamos buscar a mensagem de Oséias. Ao contrário de outros profetas, em Oséias os ditos estão de tal forma embutidos nos panfletos que perderam sua identidade própria.

2.2. O contexto

Oséias é sucessor de Amós no reino do Norte. Sua época apresenta um florescimento da profecia. Ao mesmo tempo, é uma época carregada de contradições.

Do ponto de vista econômico, político e social há muita riqueza. Vivia-se sob o auge do expansionismo do rei Jeroboão II, que reinou por 41 anos. As "fronteiras" do reino foram expandidas até Damasco, ao Norte, e até o Mar Morto, ao Sul. ("Fronteiras" aqui significam áreas de influência comercial israelita, bem entendido.)

Israel encontrava-se numa posição estratégica, dominando as duas principais rotas comerciais entre a Assíria e o Egito: a primeira, que passa pela planície de Jezreel e vai do Vale do Nilo até o Vale do Tigre e Eufrates; a segunda, que passa pela Transjordânia.

Nessa época, Israel é uma potência comercial porque ainda não havia Império. Há um certo equilíbrio de forças que permite a existência de diversos pequenos estados, na região, entre eles Israel. Equilíbrio precário que logo será quebrado pelo surgimento do Império, bem equipado militarmente e com uma vigorosa política expansionista de anexação de territórios.

Como potência comercial, Israel produzia dois produtos nobres de exportação: cereal e óleo. Com estes produtos, importava outras mercadorias como artigos de luxo, ouro, ferro, armamentos, evidentemente

mais valiosos no mercado que os seus produtos primários. Trata-se, portanto, de uma economia de troca comercial frágil e dependente. Para manter esta economia, o rei militarizou o país, aumentou os impostos, consumiu muitas vidas de jovens nas guerras, gerando pobreza e miséria para o povo do campo.

Nessa época, prevalecia o modo de produção asiático, no qual a divisão campo/cidade é essencial. Nas cidades encontramos o aparato do Estado e a corte, e seu poder é exercido mediante a cobrança do tributo, geralmente em espécie. Daí chamar-se este modo de produção tributário. Afora o tributo, os camponeses são periodicamente requisitados de maneira compulsória para prestar serviço ao rei nas construções, estradas e outras obras. É a corvéia.

Numa situação de expansão é evidente que esta carga sobre os camponeses aumenta gerando exploração e opressão muito grandes. Neste sistema do tributarismo, a luta que se trava não é tanto pelo domínio da terra, mas muito mais em função do produto da terra. O Estado-cidade impunha tributos e defendia sua arrecadação através da coersão militar e através da força da religião. Este último aspecto é o que queremos enfatizar.

Oséias é o profeta que denuncia sobretudo o uso da religião e da teologia como sustentáculos do crime praticado pelos grandes, os chefes, os "pastores" de Israel contra o povo pobre.

É parte do sistema que ao importar bens de luxo importa junto ideologia e religião, esta última que deve servir e justificar este estado de coisas. Assim, Israel se mostra como promotor da religião. Constrói templos e lugares de adoração, os chamados "lugares altos". Mas, contraditoriamente, quanto mais religiosos eram os reis e quanto mais piedade o povo manifestava, nas festas e ritos periódicos, mais aumentava o crime, a pobreza e a miséria.

Entretanto, sobe ao trono da Assíria um rei conquistador: Tiglate-Pileser III, que passa a dominar todos os estados em direção ao Mediterrâneo. Israel é atingido e a partir de 732 a.C. fica reduzido à capital Samaria e circunvizinhança. Tenta resistir, mas dez anos depois cai sendo incorporado como província da Assíria, deixando de existir como estado. É a completa derrota. Mais tarde, será a vez de Judá.

Oséias viveu tudo isto. Como profeta de Javé, denunciou a ruína, as razões de tantos crimes, foi perseguido e, não obstante, procurou manter acesa a chama da esperança do pequeno Efraim, símbolo do povo crente mas desorientado.

2.3. Autor/Autores

Já dissemos acima que o livro é de autoria coletiva. Como boa parte da literatura bíblica, os textos são muito mais produtos de uma fé comunitária que criações de indivíduos isolados.

No caso do livro de Oséias, certamente que o profeta é o personagem principal na formulação da mensagem. Por isto, o livro leva o seu nome. Talvez, em nenhum outro caso a mensagem tenha tanto vínculo com a vida afetiva como no de Oséias. Ele foi um homem que amou profundamente uma mulher a quem foi buscar na "prostituição". A experiência calou tão fundo que pode servir como metáfora das relações do povo de Israel com Javé. Oséias é o primeiro a usar a imagem do matrimônio para explicar a intimidade de Javé com o seu povo.

Oséias começa a atuar em meio a uma crise geral em todo Israel. Havia pelo menos três grupos em confronto: o campesinato, os círculos próximos à corte e os assírios e seus aliados.

O aumento dos tributos e a conseqüente exploração do campo, entretanto, não ocorrem sem mais. Os camponeses resistem. Não aceitam esta sobrecarga. Rebelam-se, em especial, contra a corte de Samaria. Se a religião serve como suporte para a entrega dos tributos com boa vontade, é muito provável que a profecia que denuncia esta "falsa religião" esteja vinculada a estes camponeses rebeldes.

Ora, a profusão de imagens do campo na profecia de Oséias e sua posição francamente contra os líderes da "casa de Israel" (4,1-11; 5,1-7; 8,1-14), nos permite situá-lo em meio a esta gente explorada do campo. Como representante do javismo, Oséias vem afirmar que Javé não serve para justificar o tributo e a corvéia; a exploração e a opressão contra os fracos, os pequenos, os pobres.

De certa forma, Amós e Oséias estão entre aqueles profetas que respaldavam as lutas de resistência dos camponeses denunciando a opressão e a idolatria das elites.

M.Schwantes afirma que a profecia de Oséias é o

“gesto, a dor e a voz dos que são espoliados de seus produtos através da tributação e da corvéia. A profecia é o fruto mais aprimorado da resistência da gente tributada e triturada.”

Mas, estes profetas não são escritores, eles se valem de gestos e de palavras para comunicar a sua indignação e mensagem ao povo. E, não por último, a sua esperança. O livro aparece depois. Esta vinculação entre a mensagem, o seu meio e os destinatários nos permite concluir que na origem do texto escrito temos um movimento profético, enquanto o livro como tal é de autoria coletiva.

2.4. A mensagem: misericórdia e não sacrifício

Ajuda a captar a mensagem retomar a relação campo/cidade de que falávamos acima.

Nas cidades viviam diversos grupos: a corte, a burocracia, os comerciantes e oficiais do exército, os sacerdotes e especialistas da religião. Havia ainda pobres, viúvas, órfãos e escravos. As cidades viviam da extorsão do campo.

No campo, havia pobres e ricos. Ricos eram os camponeses que usavam o ferro, tração animal, como o boi, e que cobravam tributo de outros mais pobres. No Antigo Testamento há muitos exemplos de escravidão por dívida. Os pobres são precisamente os camponeses endividados, cujas famílias tendem a ser escravizadas. Entre os extremos, havia camponeses livres, temerosos de cair na miséria.

Os profetas são vozes que se levantam em defesa destes mais pobres. Amós e Oséias animam a resistência camponesa.

A dominação se concretizava em dois lugares significativos da cultura israelita:

- a) no portão, onde se decidiam os negócios, a política e o direito;
- b) na eira, uma pequena elevação próxima à vila camponesa, onde o vento facilitava a debulha dos cereais.

Era neste último lugar onde, por ocasião da colheita, toda a vila se reunia. Aí as mulheres participavam, enquanto no portão lhes era vedado. Por isto, em Oséias as mulheres desempenham um papel tão central. Ocorre que nas eiras, durante a colheita, se celebravam os rituais de fertilidade. Aí se devia cobrar tributo, enquanto se celebra a abundância. Aí predominava, pois, a religiosidade popular.

O Estado expansionista e militarizado não deseja controlar apenas o templo (cidade), mas também a eira (campo). É esta disputa que encontramos em Oséias. “Uma eira em função da cidade-Estado é, para Oséias, prostituição, adoração de outra divindade, idolatria”, afirma M.Schwantes. Num estudo sobre os profetas do VIII século a.C., J. Zabatiero esclarece melhor esta questão. Afirma ele que os reis israelitas, além do tributo, precisavam desesperadamente de soldados para o exército. A prostituição era a forma usada pelo Estado para conseguir gente para o exército. A religião oficial, com as orgias erótico-religiosas, justificava a utilização “sacral” da eira com os cultos de fertilidade. Oséias é o profeta que combate esta idolatria (9,1-9). Anuncia a sua destruição junto com a destruição da monarquia (10,1-2). Para ele, o critério da eira é Javé, aquele que se contorce por seu povo (11,8), que prefere a misericórdia e o amor (6,6) e condena os sacrifícios e ritos idólatras.

Oséias, assim, desqualifica a teologia e religião oficiais que promoviam os cultos de fertilidade, confundindo Javé com Baal, ou Baalins, os deuses da opressão (capítulo 8). Por isto, se torna um homem perigoso e perseguido pelas autoridades. Provavelmente, pegou até cadeia (9,7-9).

Nesta luta de resistência, Oséias ataca sobretudo dois grupos importantes, responsáveis pela apostasia:

- a) os sacerdotes e profetas da corte;
- b) a corte (reis e funcionários)

Javé não deixará de ser o Deus Libertador, o Deus nacional; antes fora transformado em Baal. O termo Baal quer dizer, em semítico comum, senhor, dono. Baal é o deus da chuva, o deus da fertilidade na religião cananéia. O povo dizia conhecer a Deus, Javé, mas a rejeição do bem, do direito e da justiça demonstrava sua mentira (8,1-14).

A prostituição foi para Oséias a imagem que lhe permitiu entender e descrever a vida nacional naquele momento. Efraim (capítulos 11-12) é esta reduzida área de Samaria e arredores, que vive na iminência de um assalto assírio. Para Oséias, os reis são a expressão desse mal profundo que, a seu ver, já começara em Gilgal (eleição de Saul como 1º rei). Igualmente, são acusados os sacerdotes por perverterem o culto, o conhecimento de Javé e promoverem toda sorte de injustiças e crimes (4,1-19; 5,1-7; 6,9; 7,13; 8,11-14). Nota-se que o clero é criticado com uma linguagem ainda mais forte que os próprios príncipes, em particular por defenderem seus interesses egoístas, aliados aos profetas, reis e funcionários.

Oséias é representante do javismo camponês. Sua preocupação era recuperar a memória salvífica de Javé libertador, essa sempre perigosa memória do êxodo. E o faz com ousadia e liberdade (2,6-18). Traz à lembrança o ensinamento tradicional da Torá (4,6) e expressa o desejo de Javé num texto muito irônico, que fala da (falsa) conversão do povo:

“Vinde, retornemos ao Senhor! Porque ele despedaça e nos há de curar... Ele virá a nós como chuva, como o aguaceiro que ensopa a terra” (6.1-3).

Reparem na figura. A imagem de Javé se confunde com a de Baal, o deus da chuva. G. von Rad observa que Oséias é aquele profeta que, embasado na história da salvação, apresenta a relação Javé-Israel em categorias naturais e quase vegetais de crescimento e florescimento.

Mas a resposta de Javé é dura.

“Que te farei, Efraim? Que te farei, Judá? Vosso amor é como nuvem da manhã, como o orvalho que cedo desaparece” (6,4-6).

Javé se insurge porque não admite falsa piedade (8,11-14). Javé espera **hesed**, amor, misericórdia, e não sacrifícios. **Hesed** é amor, bondade, solidariedade, implica uma mudança completa nas relações humanas, designa um comportamento recíproco que tem a ver com a vida de todas as pessoas. Expressa uma profunda humanidade, refere-se ao coração sincero. Trata-se de um conceito tão amplo e tão rico na literatura do Antigo Testamento e, sobretudo, em Oséias, que chega a ser difícil traduzi-lo com precisão. Designa uma atitude de magnanimidade e disponibilidade humanas de alguém que se esquece de si mesmo, que vai além das meras obrigações. É um dos conceitos centrais da teologia de Oséias. Por isto, entendemos que seja a contrapartida da idolatria. Se idolatria se concretiza na prostituição ritual e social, o conhecimento de Javé está vinculado à **hesed**, e o profeta metaforicamente expressa isso casando-se com uma mulher prostituta. Isso significa que **hesed** implica amor e solidariedade com os desqualificados, com os párias da sociedade.

Para Oséias, não bastam grandes rituais, sacrifícios caros e faustosos a título de piedade. Javé quer outra atitude dos que o temem. Ele espera gestos de justiça e misericórdia. Para Oséias, estes são os sinais de conversão a Deus. Só assim se percebe, no concreto da vida e da história, quem conhece a Javé. Por isto, é falsa a alternativa entre **hesed** com Deus ou só entre os homens. No Antigo Testamento, trata-se de uma coisa só. A interpretação do mandamento do amor feita por Jesus, no Novo Testamento, segue na mesma linha.

Em 6,6, Oséias praticamente condena todo e qualquer sacrifício. Javé não os aceita mais! Ele quer misericórdia, perdão, justiça e amor. Não pode haver dúvida neste ponto.

O caminho para tanto aparece no final do livro, 14,2-9. É a grande esperança. Israel é convocado a voltar a Javé, tomar as “palavras que curam”, pedir perdão e mudar de vida. Então, não mais terá confiança no poderio militar nem em falsas alianças econômicas e militares, nem cairá nos cultos idolátricos que só geraram tributo e riqueza para os “cabeças e pastores de Israel”, mas na outra ponta miséria e pobreza para os já empobrecidos.

Haverá uma nova liturgia, vivencial, ecológica até. (14,3-4.6-8). Reparem que, aí sim, as metáforas da natureza fazem sentido. Antes, não. Como consequência desta transformação, vão prevalecer a misericórdia, a fidelidade ao projeto de Javé, a justiça, o direito dos pobres, numa palavra, **hesed**.

Trata-se de uma utopia. Mas utopia libertária. Esta certamente não foi a esperança com que contavam os reis de Israel nem os sacerdotes de Gilgal ou dos lugares altos, das eiras. Esta foi, sim, a esperança anelada pelo resto de Israel, pelo povo da roça, em meio ao qual despontavam profetas como Amós e Oséias.

Esta é a esperança que cabe anunciar e provocar como discípulos de Jesus hoje e aqui. É sintomático que Jesus tenha conhecido muito bem esta profecia de Oséias e a tenha lembrado em sua pregação (Mt 9,13; 12,7). Isto mostra uma direção na proclamação de Jesus e do movimento que ele representava. O contexto da citação de Jesus é uma polêmica contra os piedosos fariseus e sua rigidez doutrinária, que lhes impedia de ver o outro, suas necessidades e dúvidas. Só lhes restava condenar o povo em nome da ortodoxia. Não foi o caso de Jesus.

Oséias, por sua vez, se abre à cultura popular, à religião sincrética daquela gente simples e oprimida. A partir do seu ponto de vista, da volta a Javé, os atributos vinculados a Baal, são incorporados por Javé: ele é como o orvalho para Israel, é como um cipreste verdejante, do qual procede bom fruto (14,6). Mas se isto é assim, é porque este mesmo Javé não admite bezerros de ouro como imagem sua, não admite sacrifícios inúteis (como pedia a religião oficial), antes espera e ama a misericórdia.

Quanto aos sacerdotes, ao clero, o capítulo 4 nos traz um interessante tema. Javé abre um processo justamente contra aqueles que seriam os seus primeiros servidores no meio do povo: os responsáveis pelo culto e pela Torá. E o que ali aparece é uma condenação dura:

“na realidade, o meu processo é contra ti, ó sacerdote. Tropearás de dia e de noite tropeçarás contigo também o profeta. Meu povo será destruído por falta de conhecimento. Por teres rejeitado o conhecimento, eu te rejeitarei do meu sacerdócio” (4,4-6).

E tudo isto acontecerá por uma razão:

“porque abandonaram o Senhor para se entregar à prostituição” (v.10).

Haveria julgamento mais radical contra o clero de Israel? Ele é o responsável último pelo desconhecimento generalizado de Javé entre o povo simples. Toda a responsabilidade da apostasia recai sobre os sacerdotes e profetas. O processo contra os habitantes do país (4,1) tem um alvo preferencial: os sacerdotes. Por que? Na verdade, eles se entregaram aos piores crimes, se “alimentam dos pecados do meu povo” (v.8), transformam o múnus sacerdotal num alto negócio. Tripudiam sobre a piedade popular e negam a este povo o acesso ao conhecimento libertador, salvífico de Javé. Já sabemos que conhecimento aqui não se resume a uma ortodoxia racional, mas remete a uma concepção de vida: conhecimento é viver na justiça, viver o espírito da aliança com Javé, é seguir os seus mandamentos, é dar-lhe glória praticando a misericórdia. Este conhecimento foi sonogado ao povo na medida em que se assegurou que o culto idolátrico - interesse do Estado - atende ao chamamento de Javé. Mais adiante este grupo é caracterizado como um grupo de “bandidos” (6,9), um bando de cafajestes.

Em contraste com esta avaliação impiedosa, a atitude de Javé para com as vítimas desses crimes é surpreendentemente, misericórdia:

“Não castigarei vossas filhas por se prostituírem nem vossas noras por cometerem adultério: porque eles próprios afastam-se com as prostitutas e sacrificam com as hieródulas” (4,13ss).

Javé não é um Deus moralista. Ele quer retidão, quer que o direito brilhe como uma luz, que a justiça corra como um ribeiro perene. Ele julga com sabedoria. Por isto se contorce com o desengano de sua gente. Sabe perdoar a apostasia, sim, mas não a desfaçatez dos sacerdotes, pois estes podem discernir e não o fazem.

Por isto, é comovente ler o capítulo 11. Ali, Javé é apresentado como um pai que toma seu filho pequeno (este Efraim pobre e pecador) nos braços e o levanta até o rosto e se inclina como uma mãe para alimentá-lo. O filho, já adulto, faz alianças estranhas com poderosos, (assírios) e se dá mal. Apostasia. Mas qual é a atitude de Javé, no fim das contas? Ele decide afastar sua ira. Por um lado os líderes cairão com suas próprias obras (4.9). Por outro, sua misericórdia tem de prevalecer:

“Não executarei o ardor de minha ira, não tomarei a destruir Efraim porque eu sou Deus e não homem, sou o Santo no meio de ti e não retornarei com furor”. (11,8-9)

Javé é Deus santo, Deus de vivos e não de mortos. Deus que liberta oprimidos e não se confunde com poderosos que oprimem gente pobre. Assim é Javé. O Santo não aplica indiscriminadamente a lei do talião, olho por olho, dente por dente, mas sabe discernir, se contorce pelos pecados daqueles a quem ama, vai em busca das vítimas sacrificadas no altar que serve ao poder. Ele enfim, promete libertação:

“Mas eu os farei habitar em suas casas - oráculo do Senhor” (11,11).

Conclusão

Podemos resumir o exposto em dois pontos:

1. Oséias identifica em que consiste a idolatria e a combate. Sua crítica atinge o cerne da religião oficial de Israel e por isto ele é perseguido. Nem assim deixa de anunciar juízo e esperança. Um grupo de discípulos preserva sua mensagem, mesmo em Judá, e a interpreta como mensagem atual para o povo.

Hoje em dia, o sistema capitalista tornou-se como que uma religião, com sacerdotes, doutrinas e templos. Defender a livre iniciativa, o livre mercado é praticamente defender um dogma. Se por causa desse dogma milhões de pessoas morrem de fome, se mais de 7 milhões de menores de rua no Brasil não têm a mínima perspectiva de vida digna, se os povos indígenas continuam com suas terras invadidas e depredadas por interesses escusos, se o povo negro é discriminado por ser negro e pobre, se as mulheres não conseguem fazer valer seus direitos e igualdade como seres humanos plenos, tudo isto, no fundo, não importa ao mercado, desde que o objetivo último do sistema fique garantido: a reprodução do lucro do capital.

Nessa visão das coisas, o mercado foi instituído como o substituto da ética nas relações humanas. Daí que todo e qualquer ataque às férreas leis de mercado seja visto como heresia ou subversão. Franz Hinkelammert e Hugo Assmann, entre outros teólogos da América Latina, vem estudando as intrincadas relações entre economia e teologia, e conseguem desmascarar uma verdadeira metafísica que dá suporte

ideológico e teológico ao sistema vigente. Na linha dos profetas, tocam a ferida do sistema. Hinkelammert afirma:

“Como enfrentar esta metafísica do absurdo, da inversão total das coisas? É preciso uma referência e esta só pode ser a vítima deste tipo de leis metafísicas da história. As vítimas são o critério da verdade sobre as leis do mercado.”

E conclui:

“O que faz falta é colocar-se ao lado das vítimas contra estes sacrifícios.”

Voltando à questão que colocávamos no início, se o pobre, o outro diferente de nós não é, em princípio, idólatra; se, ao contrário, idólatra é quem sacrifica o outro no altar do poder e do dinheiro: se idólatra é aquele que vive às custas das vítimas da sua “prostituição”, então muita coisa muda no nosso relacionamento com este pobre, com o outro, com os povos postergados. Muda a atitude, o comportamento, mas muda também a teologia. Porque de outra forma não haveria possibilidade de diálogo, de conversão, numa palavra, de libertação.

Conforme Hinkelammert, é preciso combater a moderna idolatria, que fez do capital um verdadeiro deus e do mercado o caminho absoluto ao bem definitivo da humanidade.

É preciso combater esta ideologia de que só o mercado pode trazer felicidade e salvação.

2. Oséias entende que o conhecimento de Deus se dá na história, na vida concreta. Não é possível conhecer a Deus e ignorar os irmãos, os pobres, o outro diferente de nós. Não é possível conhecer a Deus sem se importar com a sorte dos fracos, dos sem poder, dos que nada valem aos olhos do sistema imperante, dos subjogados e sem alternativas, das vítimas inocentes do sistema.

Pelo contrário, conhecer a Deus é viver *hesed*, viver em solidariedade com o outro, seja ele quem for. É ir de encontro às necessidades e urgências deste outro coletivo que nos desafia a cada instante. É lutar despojadamente junto com estes colocados à margem da história, com esta gente postergada para que viva plenamente. É ser *hasidim* para com ela.

Sandro Galazzi, refletindo sobre a pastoral indigenista afirma que:

“conhecer Javé é, ao mesmo tempo, conhecer qual é a nossa missão”.

Por isto, a missão está no próprio cerne da vida cristã, da vida da comunidade de fé e da teologia. Os profetas se deram conta disso, de que o conhecimento de Deus passa pela mediação da história e por isto foram perseguidos. Mas não desistiram. Nem deixaram de anunciar a esperança para o “resto”, apontando para um novo dia em que Javé será louvado com os frutos novos de lábios e corpos libertos (14,3), numa nova liturgia verdadeiramente cósmica. Isto nos faz pensar na grande expectativa que anima os cristãos e a própria criação de que nos fala Paulo em Romanos 8.

A atualidade de Oséias para o desempenho da nossa missão hoje bem poderia se resumir neste oráculo de Javé, que é juízo contra a idolatria e esperança ao apontar o caminho:

“Porque eu quero amor, e não sacrifícios, conhecimento de Deus, e não holocaustos” (6,6).

Roberto Zwetsch é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e mestrando da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.
Rua Conde de Irajá, 184 apto 26
04118 - São Paulo - São Paulo
Brasil

Alguma Bibliografia

ASSMANN, Hugo e HINKELAMMERT, Franz. **A Idolatria do Mercado**. Ensaio sobre Economia e Teologia. São Paulo: CESEP/Vozes, Tomo V/5 Série: Desafios da Vida na Sociedade. 1989. (col. Teologia e Libertação).

DREHER, Carlos. O surgimento da Monarquia Israelita sob Saul in **Estudos Teológicos**. Ano 28 (1988), nº 1, São Leopoldo, pp 57-70.

..... Escravos no Antigo Testamento, in **Estudos Bíblicos/18: Escravidão e Escravos na Bíblia**, Petrópolis: Vozes, 1988, pp 9-26.

PIXLEY, Jorge. Oséias: nova proposta de leitura a partir da América Latina, in **RIBLA**, Petrópolis/São Paulo/São Leopoldo: Vozes/I. Metodista/Sinodal, nº 1 - 1988/1, pp 44-63.

RENDTORFF, Rolf. El, Baal e Javé. Considerações sobre a relação entre as religiões cananéia e israelita, in Erhard Gerstenberger (ed). **Deus no Antigo Testamento**, São Paulo: ASTE, 1981, pp 155-176.

SCHWANTES, Milton. "Meu coração se contorce". Em companhia de Oséias. São Paulo, s/d. (manuscrito inédito). (Boa parte das informações históricas se baseiam neste texto).

ZABATIERO, Júlio P. Tavares. O Estado e o empobrecimento do povo. Reflexões a partir dos profetas do VIII século aC., in **Estudos Bíblicos/21: Categorias de Marginalidade na Bíblia**. Petrópolis/São Bernardo do Campo/São Leopoldo: Vozes/I. Metodista/Sinodal, 1989, pp 23-32.